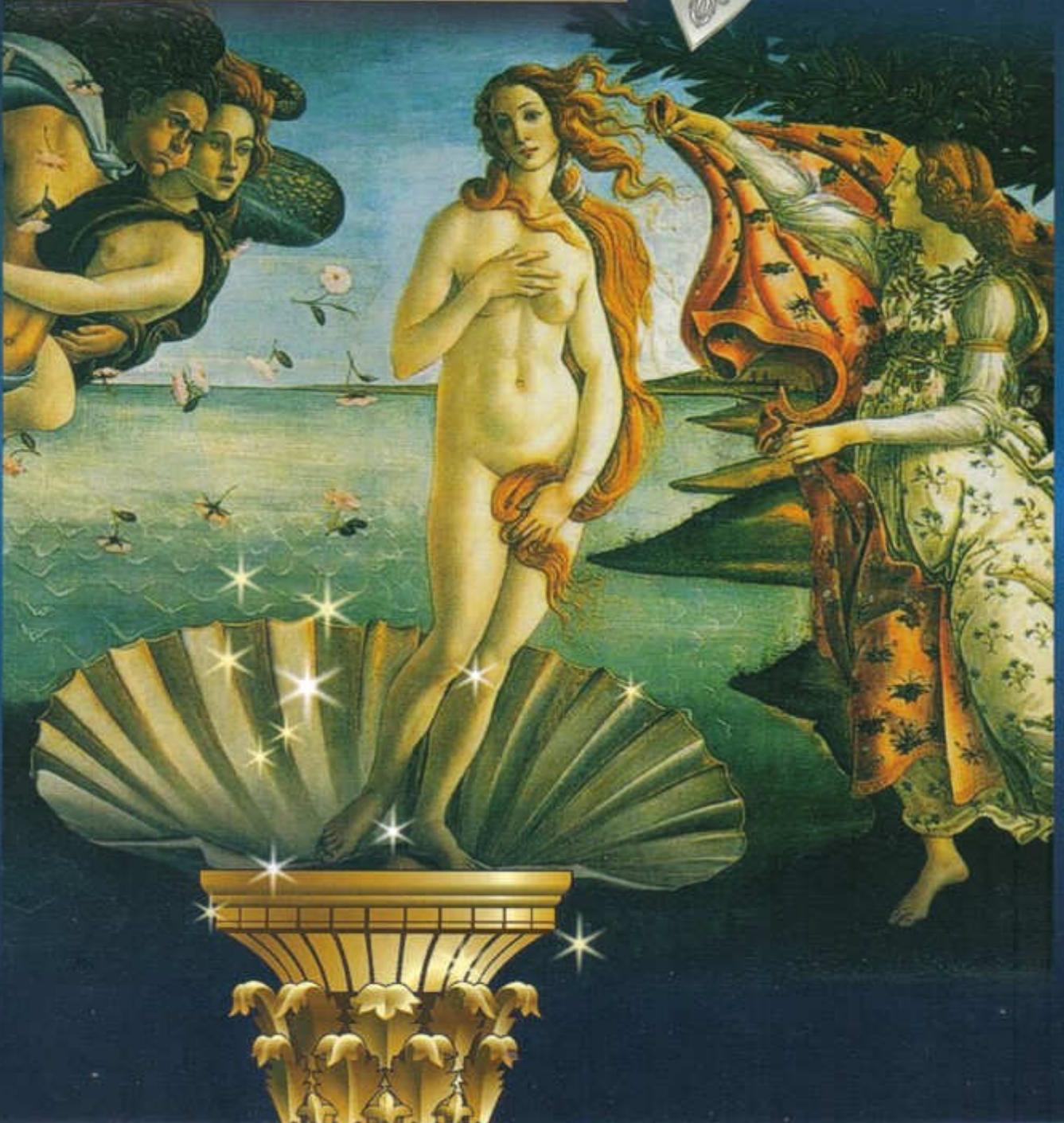


ANO LXXIX - Nº 18 - RIO DE JANEIRO - AGO 2006 / FEV 2007

ASTRÉA

REVISTA DE ESTUDOS MAÇÔNICOS
Órgão Oficial do Supremo Conselho do Grau 33
do Rito Escocês Antigo e Aceito da Maçonaria para
a República Federativa do Brasil





Ir.: Sebastião Ferreira: 80 anos de Maçonaria

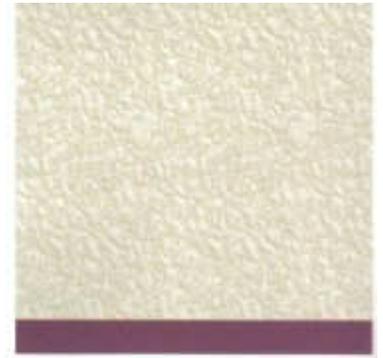
O Ser.: Grão-Mestre da M.R. Grande Loja Maçônica do Estado de Goiás, Il.:Pod.: Ir.: **João Batista Fagundes**, enviou-nos o relato da comovente homenagem a um extraordinário e longevo Irmão.

Eis que o Ir.: **Sebastião Ferreira** nasceu em Jataí, Goiás, em 22 de abril de 1903. Iniciado na Loja *Luz e Caridade*, de Uberlândia, recebeu o Grau de Mestre Maçom em 16 de janeiro de 1930.

Fundador da Loja *28 de Julho N° 13*, nela exerceu os cargos de Orador, Secretário, Tesoureiro, 1º e 2º Vigilantes. Na M. R. Grande Loja Maçônica do Estado de Goiás, foi Delegado do Grão-Mestre.

Sem dúvida alguma, sua vida – 103 anos de idade e 80 de Maçonaria – é um testemunho de amor à nossa Ordem e um exemplo dignificante para todos os Maçons.

No dia 21 de agosto de 2006, em reconhecimento, a Assembléia Legislativa do Estado de Goiás outorgou-lhe a *Comenda Pedro Ludovico Teixeira*. A foto registra o momento de profunda emoção em que o Exmo. Sr. Governador **Marconi Perilo** e a Cunhada e Exma. Deputada **Mara Naves**, que presidiu a Sessão, entregaram a Comenda a um comovido Ir.: Sebastião. ▲





*“Andavam errantes
como cegos pelas ruas.
Poluíram-se com
sangue.”*

(Lamentações 4:14)

A violência de nossos dias

Luiz Fernando Rodrigues Torres, 33º
Soberano Grande Comendador

Meus Irmãos,

Recordo, saudoso, os felizes dias em que podíamos dormir, nas noites de verão, com as janelas de nossas casas abertas; das caminhadas despreocupadas, a qualquer hora do dia ou da noite; dos ingênuos criminosos chamados “ventanistas”; da hilariante cena de uma senhora expulsando, com uma vassourada, o meliante que lhe invadiria a casa, que saudade...!

O que aconteceu com as nossas crianças? Algumas tornaram-se vítimas outras criminosas.

A quem culpar por tudo isto que se abate, calamitosamente, sobre a sociedade humana?

Os políticos culpam-se uns aos outros, dependendo da facção a que denominam Partido; os sociólogos culpam o sistema injusto; outros culpam os governos, alguns à Justiça, outros à Polícia, muitos ao Legislativo.

Quem é inocente?

Acredito sermos todos nós os responsáveis, pois, presenciemos tanta injustiça, tanta barbárie, tanto horror, como se não nos dissesse respeito. No entanto, esses estúpidos acontecimentos podem nos atingir, a qualquer momento.

O noticiário cotidiano nos traz ao conhecimento as ocorrências violentas, que infelicitam lares, famílias, pais e filhos.

Inútil é apontar este ou aquele fato, por mais tenebroso, pois, todos estão na consciência coletiva.

As cenas sangrentas, o morticínio, os roubos, os assaltos, enfim, tudo o que caracteriza a violência de um tempo doente, anormal, comparável às piores épocas da história, acontece em pleno século XXI, no Terceiro Milênio; o que fazer?!.....

Penso, e como velho jurista acrescento – salvo melhor juízo – que nós, **Maçons**, integrantes de uma Instituição voltada para o aperfeiçoamento e o bem da Humanidade, temos uma imensa parcela de culpa por tudo isto, pois, limitamo-nos a participar de nossas reuniões templárias, de nossos fraternais ágapes, da criação de nossas sedes e templos, sem que nos obriguemos a lutar contra tudo o que ocasiona este miserável estado de coisas em nossa sociedade. E não me eximo de culpa, tenho parte nela.

Apontemos os erros de nossos governantes, de nossos legisladores, de nossa Justiça, de nossa Polícia. Anatematizemos tudo o que seja injusto, imoral, atentatório ao bem estar da população, de nossa rua, de nosso bairro, de nossas cidades, de nosso país, do mundo inteiro.

Gritemos: **Basta!** Atuemos de forma implacável contra tudo o que atente contra o bem comum, contra o Direito, contra a ordem pública, contra os princípios constitucionais, contra os direitos do cidadão, contra a injustiça social.

Não somos a maior parcela da população, mas somos organizados, pertencemos à **Ordem Maçônica**, somos *livres e de bons costumes*.

Obremos, pois o *Grande Arquiteto do Universo Vela por nós*. ▲



1



S.:G.:C.: **Luiz Fernando Rodrigues Torres**, 33º, e Ir.: **João Alexandre**, 33º, ladeando o mais novo Supremo Conselho do Universo Maçônico do R.:E.:A.:A.: Hon.: Ir.: **Andréas Assiotis**, 33º, Supremo Conselho de Chipre.

Nasce um novo Supremo Conselho

João Alexandre Rangel de Carvalho, 33º
Chefe da Secretaria Geral

Ilha de Chipre recebe líderes do R.:E.:A.:A.: de todo o mundo em celebração histórica

O mais tradicional e praticado Rito Maçônico está verdadeiramente em festa!

Nasceu mais um Supremo Conselho, que passa a figurar na relação dos Supremos Conselhos Regulares de todo o mundo – o **Supremo Conselho do Grau 33 do R.:E.:A.:A.: da Maçonaria para Chipre**, que foi instalado, em cerimônia litúrgica no Templo Maçônico de Nicósia, sua capital, em 25 de novembro de 2006.

Atendendo ao fraternal convite formulado por aquele iniciante Supremo Conselho, em copatrocínio com os Respeitáveis Supremos Conselhos para a França e para a Grécia, nosso S.:G.:C.:, **Luiz Fernando Rodrigues Torres**, 33º, sua amável esposa, **D. Corina Baldo** e o Chefe da Secretaria, Ir.: **João Alexandre Carvalho**, 33º, estiveram presentes ao evento, que também contou com a participação dos seguintes ilustres Maçons: **Serge Poulard**, 33º (SGC – França), **Paul-André Chaptal**, 33º (Gr.: Secretário-França), **Georgios Halkiotis**, 33º (SGC – Grécia), acompanhado de grande comitiva, **Gerhard Lörtscher**, 33º (SGC – Suíça), **Michel DeMartin**, 33º (PSGC – Suíça), **Mauro Milanesi**, 33º (SGC – África do Sul), **Ramón Torres Izquierdo**, 33º (SGC – Espanha), **Nicolas Arcas Martí**,

33º (Lugar Tenente – Espanha), **Nedim Bali**, 33º (Gr.: Chanceler – Espanha), **David Cerniglia**, 33º (Gr.: Secr.:/Chanceler – Itália), **Lutfallah Hay**, 33º (SGC – Irã no exílio), **Jean Sicinsky**, 33º (PSGC – Polônia). Ainda estiveram prestigiando o evento os Il.: e Ppod.: Ir.: **Iacovos Vorgas**, 33º, Ser.: Grão-Mestre da Grande Loja de Chipre, e seu Em.: Grão-Mestre Adjunto **Panayiotis Ioannou**, 33º, e **Spyridon Paxis**, 33º, Ser.: Grão-Mestre da Grande Loja da Grécia.

O cerimonial de consagração, presidido pelo SGC **Georgios Halkiotis**, 33º (Grécia), sempre auxiliado por seu eficiente Gr.: Secretário Geral **Spyros Kamalakis**, 33º, foi marcante, emocionante e histórico, onde todos os Maçons puderam se confraternizar e demonstrar a riqueza e a universalidade do R.:E.:A.:A.: Apenas um pouco ininteligível para os estrangeiros presentes, pois todo ele foi realizado na língua grega, de difícil entendimento. O momento alto foi a posse do primeiro SGC de Chipre, Hon.: Ir.: **Andreas Assiotis**, 33º, que em seu discurso, além de agradecer o apoio dos Supremos Conselhos Regulares



2



Ao alto, à esquerda, o S.:G.:C.: **Luiz Fernando Rodrigues Torres**, 33° e o S.:G.:C.: **Mauro Milanesi**, 33°, da África do Sul.



Ao alto, à direita, da esquerda para a direita, vemos o S.:G.:C.: **Gerhard Lörtscher**, 33° (Suíça), S.:G.:C.: **Serge Poulard**, 33° (França), S.:G.:C.: **Luiz Fernando Rodrigues Torres**, 33° (Brasil) e Grande Secretário Geral **Paul André Chaptal**, 33° (França).



Na foto do meio, o S.:G.:C.: **Luiz Fernando Rodrigues Torres**, 33° e o Ir.: **João Alexandre**, 33°, entregam Comenda dos 177 anos ao S.:G.:C.: da Grécia, **Georgios Halkiotis**, no Templo Maçônico em Nicósia, Chipre;



Em baixo, entre o S.:G.:C.: **Luiz Fernando Rodrigues Torres**, 33°, e o Ir.: **João Alexandre**, 33°, os S.Ser.: Ilr.: **Spyridon Paisis**, 33°, Grão-Mestre (Grécia) e **Iakovos Vorgas**, 33°, Grão-Mestre (Chipre).





Na mesa principal do banquete de confraternização, da esquerda para a direita: S.:G.:C.: **Georgios Halkiotis**, 33º (Grécia), S.:G.:C.: **Serge Poulard**, 33º (França), Sra. **Heleni Halkiotis**, S.:G.:C.: **Luiz Fernando Rodrigues Torres**, 33º, Sra. **Corina Baldo** e S.:G.:C.: **Lutfallah Hay**, 33º (Irã no exílio).

presentes, demonstração inequívoca da rejeição a um Supremo Conselho irregular anteriormente estabelecido por um outro Supremo Conselho, ressaltou a importância do estabelecimento de um órgão fomentador do R.:E.:A.:A.: independente, soberano e regular, participe da relação dos Supremos Conselhos regulares do mundo, composto por verdadeiros Maçons cipriotas, que estão efetivamente trazendo Paz, Amor Fraternal e Concórdia para os trabalhos da Maçonaria local.

Na oportunidade, nosso Soberano Ir.: **Luiz Fernando Rodrigues Torres**, 33º, em breve palestra, congratulou a todos os valerosos Maçons Cipriotas, membros do R.:E.:A.:A.:, pela coragem e firmeza em seus justos propósitos de terem um Supremo Conselho regular e soberano, que trará enormes benefícios para toda a comunidade daquela ilha. Também falou de seu permanente repúdio as invasões territoriais que têm sido perpetradas por apenas um Supremo Conselho, afirmando não haver mais espaço para submissões e idéias colonialistas no universo do R.:E.:A.:A.:, em particular, e da Maçonaria, em geral. Como prova do imediato reconhecimento ao novo Supremo Conselho, o Sob.: **Luiz Fernando** ofertou ao Soberano Grande Comendador emposedo **Andreas Assiotis** a comenda comemorativa do 177º aniversário

de fundação do Supremo Conselho para o Brasil.

Após mais uma bem sucedida viagem, que sempre afirmamos ser relevante demonstração do prestígio do *Supremo Conselho do Grau 33 do R.:E.:A.:A.: da Maçonaria para a República Federativa para o Brasil*, ao qual todos somos orgulhosos de pertencer, no retorno contamos com as elevadas bênçãos do G.:A.:D.:U.:, aportando ao Rio de Janeiro em paz e segurança.

Evângelos Péricles Kyritsis

In Memoriam

Justa homenagem
a um grande Maçom

Em seu retorno da Ilha de Chipre, e por convite especial do Supremo Conselho, 33º, para a Grécia, nosso Soberano

Grande Comendador **Luiz Fernando Rodrigues Torres**, 33º, sua esposa D. Corina e o Ir.: **João Alexandre Carvalho**, 33º, Chefe da Secretaria Geral, fez uma pequena parada em Atenas, a histórica capital daquele país.

Naquela cidade tiveram a oportunidade de localizar e visitar o túmulo de um saudosos Irmão e amigo de todos os Maçons do R.:E.:A.:A.:, um homem íntegro, inteligente e culto (falava mais de 5 idiomas, por exemplo) que por longos anos esteve a frente da Chefia da Secretaria Geral do Supremo Conselho, servindo a três Comendadores – Ir.: **Evângelos Péricles Kyritsis**, 33º – depositando flores em seu túmulo no cemitério do bairro Zografou.

O Ir.: **Kyritsis**, nascido na Europa, escolheu o Brasil para viver por muitos anos, até o dia em que decidiu retornar ao seio de seus familiares na Grécia, onde faleceu em 13 de agosto de 2005, aos 86 anos.

Ficam o carinho, o agradecimento e, principalmente, a saudade de todos os seus Irmãos e amigos do Supremo Conselho. ▲

O túmulo do Ir.: **Evângelos Péricles Kyritsis**, em Atenas, singelamente homenageado.



4



Duas grandiosas Cerimônias de Investidura ao Grau 33 encerram as atividades do Supremo Conselho em 2006

Adélman de Jesus França Pinheiro, 33º Grande Secretário Geral do S.:I.:

São Paulo

A primeira foi realizada no dia 9 de dezembro na majestosa sede da M.:R.: Grande Loja Maçônica do Estado de São Paulo. No Templo Nobre, mais de 200 Irmãos presenciaram a Cerimônia de Investidura ao Grau 33 de 147 valorosos Irmãos das diversas e operantes Regiões Litúrgicas daquele Estado.

O Soberano Grande Comendador **Luiz Fernando Rodrigues Torres, 33º**, presidiu os trabalhos ritualísticos com o precioso auxílio dos Ill.: Membros Efetivos do Supremo Conselho, Ilr.: **Jorge Luiz de Andrade Lins, 33º**, atuando como Lugar Tenente Comendador, **Carlos Antonio de Almeida Deveza, 33º**, como Grande Ministro de Estado e **Adélman de Jesus França**

Pinheiro, 33º, trabalhando, uma vez mais, como Grande Mestre de Cerimônias. No trono, ao lado de nosso Grande Comendador, marcaram presença os Ill.: **Murilo Marçal Vieira, 33º**, Eminente Grão Mestre Adjunto da GLESP e o Grande Inspetor Litúrgico da 1ª Região (capital-SP) **Jaime Noboru Kagohara, 33º**, o anfitrião do prestigioso evento. Ainda podemos destacar a presença dos seguintes Inspectores Litúrgicos de São Paulo, os dedicados Irmãos responsáveis pela divulgação e instrução do R.: E.:A.:A.: em suas respectivas regiões: **Apparecido Pinto da Fonseca (2ª)**, **Dirceu Giometti França (4ª)**, **Victor Conde do Nascimento (5ª)**, **Milton Birolli Gonzalez (6ª)**, **Manoel Lourenço Seragioli (7ª)**, **Paulo Horita (8ª)**, **Célio Rossini Netto (9ª)**, **Syozo Mizuno (10ª)**, **Belmiro Candido Lopes (12ª)**, **José Rodrigues de Barros (13ª)** e **Antonio Carlos Bueno (14ª)**.



1 - O S.:G.:C.: Luiz Fernando Rodrigues Torres, 33º, recebe bela lembrança, oferecida por todos os Irmãos paulistas, das mãos dos Ilr.: **Jaime Kagohara, 33º**, Grande Inspetor Litúrgico, e **Murilo Marçal Vieira, 33º**, Eminente Grão-Mestre Adjunto - GLESP.

2 - Homenagem prestada pela 1ª Região Litúrgica-SP ao Ilr.: e Pod.: Ilr.: Jorge Lins,

3 - Ilr.: e PPod.: Ilr.: Carlos Antonio Deveza, 33º, Adélman Pinheiro, 33º, e Jaime Kagohara, 33º, no momento de entrega das Comendas, Rituais e Patentes aos novos Inspectores da Ordem.





Acima, o S.:G.:C.: **Luiz Fernando Rodrigues Torres**, 33º, ladeado pelos Ill.: e PPod.: Ilr.: **João Carlos Silveira**, 33º, Grão-Mestre-GLP (esquerda) e **Adolfo Bley**, 33º, PGM, Membro Efetivo (direita).

Além da magnitude da sessão, perfeita demonstração do prestígio do Rito e do apoio dos valorosos Maçons da maior Grande Loja em território brasileiro, os novos Inspectores Gerais da Ordem, o Grande Inspetor Litúrgico **Jaime Kagohara** e os Irmãos que o ajudam na condução da 1ª Região Litúrgica – SP, ofereceram um elegante banquete de confraternização no Clube Sírio.

Parabéns, São Paulo, pela grandeza do R.:E.:A.:A.: da Maçonaria e dos Obreiros que verdadeiramente labutam, sem vaidades e egoísmo, pelo seu permanente engrandecimento.

Paraná

A belíssima Cidade de Curitiba, Estado do Paraná, foi palco da segunda delas. No dia 16 de dezembro do ano passado, o S.:G.:C.: **Luiz Fernando Rodrigues Torres**, 33º, acompanhado dos Ilustres Ilr.: **Jorge Luiz de Andrade Lins**, 33º, Grande Ministro de Estado, e **Adelman de Jesus França Pinhei-**

ro, 33º, Grande Secretário Geral do S.: I.: , presidiu a Investidura ao mais alto Grau do Rito Escocês Antigo e Aceito de 25 Irmãos. Em um Templo repleto de Irmãos, destacamos a magna presença do Il.: e Pod.: Ir.: **João Carlos Silveira**, 33º, Ser.: Grão-Mestre da M.: R.: Grande Loja do Paraná.

Todo o cerimonial e o fraternal jantar de comemoração, como sempre ocorreu durante longos anos, foram organizados pelo querido e saudoso Irmão **Adolfo Bley**, 33º, Membro Efetivo, Sob.: Gr.: Inspetor Litúrgico para a 1ª Região do Estado do Paraná, líder maior do R.:E.:A.:A.: naquele Estado e também Past Grão Mestre da M.: R.: Grande Loja do Paraná que, para tristeza de todos os seus pares do Supremo Conselho, passou ao Oriente Eterno no início do ano em curso, mais precisamente no dia 8 de janeiro.

Ao lado de sua amável esposa **Marli**, o Ir.: **Bley** esteve todo o tempo ao lado de nosso Comendador, recepcionando a comitiva. Com ele, ajudou a dirigir os trabalhos de Investidura, abraçou a todos, principalmente os Inspectores Gerais da Ordem investidos naquela data, com seu peculiar carinho e sua feição angelical marcante, que contagiava todos os Irmãos. O Rito, o Supremo Conselho, a Grande Loja do Paraná, a Maçonaria Universal, todos nós, seus Irmãos, familiares e amigos, perdemos um grande Irmão, um incansável defensor de causas justas e um dos mais puros corações já vistos em nossa Ordem. Saudades. ▲



6



L.:P.: "Roberto Deny Bandeira de Melo"
São João de Meriti / 4ª RJ

Uma sessão pública histórica

Edson Costa Pinto da Cruz, 18º

Sempre que há a passagem de um ano para o outro, neste caso, de 2006 para 2007, esperamos ter proficuas realizações e felicidade ao longo do mesmo, apesar das dificuldades que deparamos em nossas vidas. Porém, no retorno aos trabalhos do Filofofismo do Rito Escocês Antigo e Aceito dos Corpos da 4ª Região do Estado do Rio de Janeiro (Baixada Fluminense), ocorrido no dia 6 de janeiro próximo passado, tivemos já uma grata surpresa e um evento

maçônico histórico em nosso país.

Sob a presente e dinâmica orientação do Il.: e Pod.: Ir.: **Nelson Gonçalves Correlo**, 33º, Membro Efetivo e Sob.: Grande Inspetor Litúrgico de toda a região, a nossa Loja de Perfeição "**Roberto Deny Bandeira de Melo**" (antiga LP.: "**Estrela Iguaçuana**"), realizou uma Sessão Pública onde foram apresentadas as adequadas vestimentas para trabalho iniciático nos Graus Inefáveis. Todos os



Ao lado, o Corpo de Oficiais da LP.: "**Roberto Deny Bandeira de Melo**", todos devidamente caracterizados.

Oficiais, sob a presidência do TVPM.: **José de Paula Sobrinho**, 30º, estavam devidamente caracterizados como determinam os Rituais e apresentados um por um. O conjunto de roupas foi trazido diretamente dos Estados Unidos, uma fabulosa e gentil doação do Ir.: **Heleno da Rocha Souza**, iniciado ao Grau 4 em 1994 no nosso Supremo Conselho, que após anos vivendo nos Estados Unidos é hoje um atuante Maçom na Carolina do Norte, Grau 32 do Supremo Conselho Jurisdição Sul - Mãe do Mundo, e que vem a ser genro do saudoso Ir.: **Roberto Deny**, que dá nome ao Corpo.

Após o encerramento dos trabalhos, um coquetel foi servido aos presentes, onde, ainda, o Il.: e Pod.: Ir.: **Nelson Gonçalves Correlo**, 33º, prestou algumas homenagens, uma delas, em especial, a cunhada Maria Eugênia, viúva do Ir.: **Roberto Deny**.

Por determinação do S.:G.:C.: **Luiz Fernando Rodrigues Torres**, 33º, e para o conhecimento de todos os Irmãos do Rito, o conjunto de vestimentas para LP.: será apresentado durante as festividades de comemoração dos 178 anos de Fundação do Supremo Conselho, que serão realizadas em conjunto com a M.:R.: Grande Loja Maçônica do Estado do Espírito Santo, nos próximos dias 15, 16, 17 e 18 de março de 2007. ▲

A mesa dos trabalhos: da esquerda para a direita: Ilr.: **José Francisco Ribeiro Lopes**, 33º, Membro Efetivo; **Nelson Gonçalves Correlo**, 33º, Membro Efetivo e Sob.: Gr.: Inspetor Litúrgico (4º e 6º RJ); e **José de Paula Sobrinho**, 30º, TVPM.:.





e as Colunas

*Ir. Esio de Figueiredo Macedo, 33^o
(1921-1996)*

Ao nos depararmos com uma peça de arquitetura, vamos encontrar três letras S como abreviaturas de três palavras. Entretanto, antes de analisar as palavras pelas quais costumam ser traduzidas, vamos apreciar apenas a letra S.

Esta é a décima nona letra do alfabeto latino e a décima oitava do alfabeto adotado no Brasil, representado por um sinal gráfico idêntico a uma senóide. É usada como abreviatura de Santo, São, Santa e Sua, no caso do tratamento formal, como Sua Excelência e Sua Senhoria. Em química, é o símbolo do enxofre.

No alfabeto hermético, é a representação do número 9 e simboliza a serpente.

Em Maçonaria, ela é usada isoladamente como inicial de Sabedoria, Sábio, Sagrado, Salário, Salomão, Santidade, Sapientíssimo, Saúde, Secretário, Selado, Selo, Sem, Senhor, Sentença, Setentrão, Signo, Silêncio, Servente, Soberano, Sublime, Sul, Superior, Supremo e outros mais.

No alfabeto grego, é a décima sexta letra, com representação numérica de 200.^[1] Sua forma maiúscula, nas ciências matemáticas, como sinal de somatório (Σ - *sigma*). Para os gregos, esotericamente, era o símbolo do ar e do vento.

O nosso S corresponde, no alfabeto hebraico, à letra *Samekh*, que é a décima quinta letra, representando numericamente 60, número grato a muitos povos do Oriente Médio, particularmente aos senhores da Mesopotâmia. Muitas das medidas que os babilônios puseram em circulação foram adaptadas e continuam em uso até hoje. Todas giram em torno do número 60, como a divisão da circunferência em graus, a divisão da hora e dos minutos e o número de graus dos ângulos internos do triângulo equilátero, símbolo do Deus Único para muitos povos e o Deus Máximo para outros.^[2]

A letra *Samekh*, na Cabala hebraica, simboliza o movimento circular na semântica das letras. Também indica a circunferência,

a redondeza, a renovação cíclica e o Universo. Como sabemos, os rabinos e os cabalistas explicavam a ordem, a harmonia e as influências dos céus sobre o mundo através de 22 letras do alfabeto, correspondendo o S, nos atributos divinos, a **Apolo**.

No sistema de computação do tarô, notamos a associação de uma letra a um número, a um arcano e a um símbolo denominado *runa*. Cada letra ou signo rúnico representa um deus e cada letra ocultava forças cósmicas mágicas, razão da linguagem ser um expoente do *Logos* e, portanto, da Luz. A décima quinta lâmina do tarô, representando **Tifon-Bafomete**, acha-se em correspondência ao *runa man*, que significa magia e fatalidade. Hieroglificamente, significa o movimento circular, o destino, a fatalidade, e era representado pela serpente, em astrologia o signo de Sagitário.

Após este breve relato, temos a di-



Capitéis gregos: de cima para baixo, Jônico, Dórico e Coríntio



zer que os três Ss, iniciais das três palavras apostas às Peças de Arquitetura, têm sido traduzidas por inúmeras palavras, deturpando o seu significado original. Muitos traduzem por Saúde, Saúde, Saúde, enquanto outros dizem ser a abreviatura de *Salve, Salve, Salve*. Na verdade, entretanto, estas três letras nada mais são do que a abreviatura dos nomes das três colunas em que o ritual diz assentar-se o Templo, em latim *Sapientia, Salus, Stabilitas*.

Sapientia (lê-se sapiência, porque o **t** tem som de **c**), a Sabedoria, é a coluna que fica no trono do Venerável Mestre;

Salus, saúde (e conseqüentemente força), a coluna que se acha no triângulo do 1º Vigilante;

Stabilitas, estabilidade (e, também conseqüentemente harmonia e, por fim, beleza), a coluna que se acha no triângulo do 2º Vigilante, também denominada estabilidade moral.

Esta é a razão pela qual, num Templo inteiramente composto no Rito, encontramos, além das três colunas, três estatuetas: na mesa do Venerável, a de **Minerva**, a **Pallas Athena** dos gregos, padroeira da inteligência, da sabedoria e da justiça; no triângulo do 1º Vigilante, a de **Hércules**, o **Herakles** dos gregos, que os antigos veneravam como o tipo ideal de força invicta e generosa; e, no triângulo do 2º Vigilante, a de **Vênus**, a **Afrodite** grega, deusa da beleza e do amor. Aí está, pois, o significado dos três Ss: **Sabedoria, Força (Saúde) e Beleza (Estabilidade, Harmonia)**

Já que falamos destas três colunas, temos a acrescentar que cada uma delas deve ser confeccionada com o material que esotericamente lhe cabe e de acordo com a ordem de arquitetura que lhe é pe-



Pallas Athena (Minerva) e Herakles (Hércules), estátuas romanas, cópias de originais gregos e Afrodite (Vênus), detalhe do quadro de Ticiano (1485-1576): Sabedoria, Força e Beleza.





culiar, o que vamos expor, ainda que resumidamente.

Classicamente, a coluna divide-se em três partes: a base, o fuste e o capitel.

A coluna *Sapientia*, do Venerável Mestre, é da ordem Jônica; a coluna *Salus*, do 1º Vigilante, é da ordem Dórica; e a coluna *Stabilitas*, do 1º Vigilante, é da ordem Coríntia.

A coluna Jônica deverá ter uma proporção tal que a altura do fuste seja igual a nove diâmetros, tendo ainda o fuste canelado com 24 estrias e arestas de contorno suave. O capitel é formado com duas volutas.

A coluna Dórica tem a altura de oito vezes o diâmetro do fuste. O capitel é simples e maciço. O fuste tem 20 estrias.

A coluna Coríntia tem sua altura dez vezes maior que o diâmetro do fuste, podendo este ser liso ou com 24 caneluras. Já o capitel é um tronco cônico invertido, decorado com folhas de acanto, de onde emergem caules bifurcados formando oito volutas.

O material empregado na confecção das três Colunas, segundo o esoterismo maçônico e o conhecimento dos hierofantes dos templos iniciáticos da antiguidade, eram os seguintes:

Coluna *Sapientia*: deve ser de pedra arenisca, rocha de constituição sedimentar, em que há predominância de grãos de areia consolidados por um cimento cuja natureza é bastante saudável. É o que chamamos de arenito.

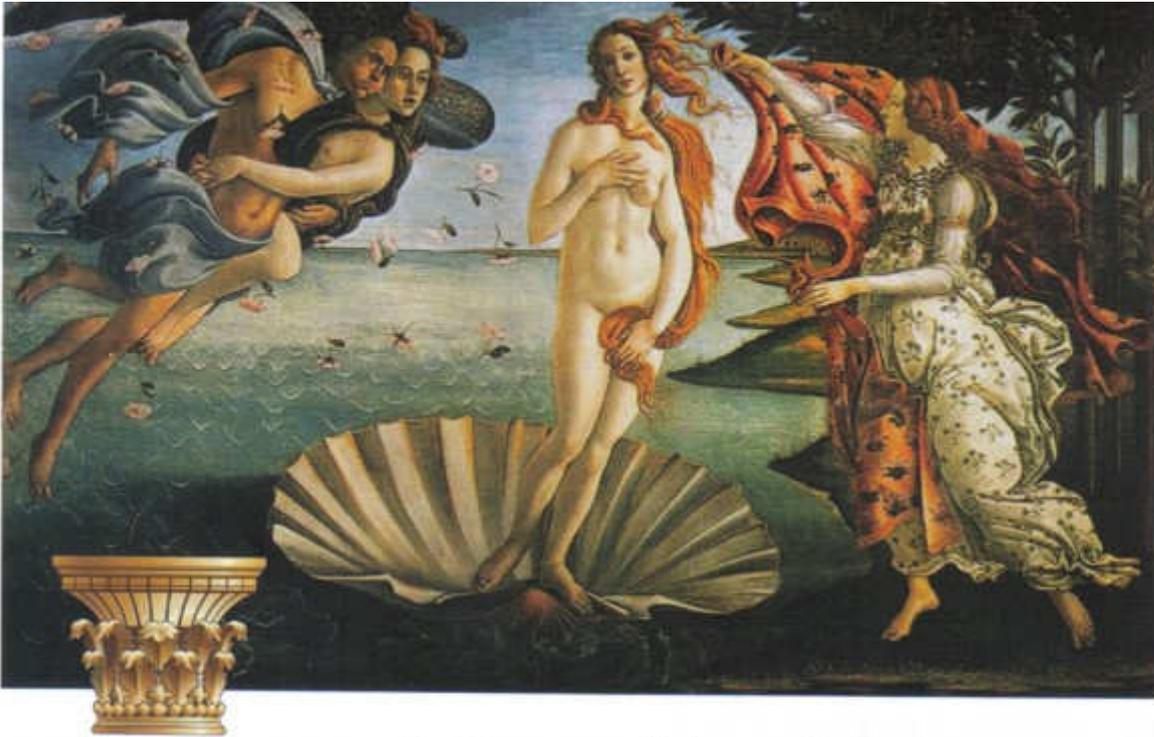
Coluna *Salus*: deve ser de rocha de origem ígnea, isto é, granito.

Coluna *Stabilitas*: deve ser de mármore e, quando se diz mármore, diz-se branco.

As Colunas das Luzes em suas proporções e cores: *Sapientia*, Ordem Jônica, do Venerável Mestre, avermelhada; *Stabilitas*, Ordem Dórica, do 1º Vigilante, em cinza e *Salus*, do 2º Vigilante, Ordem Coríntia, em branco.



10



O Nascimento de Vênus, de Sandro Botticelli (1445-1510) permanece inquestionavelmente o ícone de beleza feminina desde desde a Renascença.

Tendo em vista a dificuldade de confeccionar estas Colunas e obter o material acima descrito, aceita-se que sejam feitas em madeira dura e resistente e pintadas na cor do material.

Assim, a Coluna do Venerável deve ser pintada em uma cor avermelhada, imitando o arenito, a do 1º Vigilante, em cinza plúmbeo, da cor do granito, e a do 2º Vigilante, em branco.

Essa três Colunas foram traçadas de acordo com um modelo, a fim de representar melhor o que simbolizam. A Dórica foi idealizada segundo o modelo de um homem de perfeita musculatura, demonstrando fortaleza e simplicidade nobre. Já a Coluna Jônica, em virtude do capitel adornado

de volutas, parece modelada com a graça de uma mulher formosa, cujo penteado as volutas recordam. A Coluna Coríntia é a mais formosa, devido não só ao capitel como à relação altura / diâmetro, que lhe dá aspecto esbelto e mais gracioso. Na liturgia maçônica, essas três Colunas representam as três grandes personalidades relacionadas com a construção do Templo de Jerusalém, a saber: *Sapientia*, **Salomão**; *Salus*, **Hiram**, rei de Tiro, e *Stabilitas*, **Hiram Abif**.

Além desses três pilares, o perímetro do Templo acha-se ornado com 12 Colunas, que representam os doze signos do Zodíaco. São colunas ornamentais, sendo sua finalidade a mesma que a das doze pedras que se encontravam em Heliópolis, denominadas *Mistérios dos Elementos*.

Em muitos sítios arqueológicos, principalmente nas Ilhas Britânicas e na Bretanha (noroeste da França), vamos também encontrar verdadeiras colunas pré-

históricas, os menires, grandes pedras cortadas e levantadas no sentido vertical, rodeando a pedra central dos monumentos megalíticos.

O princípio é o mesmo: dar suporte material às forças cósmicas e magnéticas utilizadas durante as cerimônias mágicas das sessões litúrgicas. ▲

Notas

(1) Os povos antigos davam valores numéricos às letras. No hebraico e no grego, as letras representavam um valor absoluto, quer dizer, representavam a mesma quantidade estivessem onde estivessem. Já no alfabeto romano, além da letra em si valia também a posição: VI, quer dizer, o 1 depois do 5 significa que deve ser adicionado, portanto essas letras indicam o número indica 6. Se as mesmas letras estivessem na ordem inversa, IV, o 1 deveria ser subtraído, aí o número é 4.

(2) Uma das razões dessa preferência pelo 60 é de ordem essencialmente prática. Um sistema tendo por base o 60, que é divisível por 2, 3, 5, 6, 10, 12, 20 e 30, facilitava tremendamente o cálculo nas sociedades anteriores à introdução dos algarismos hindu-arábicos e dos números decimais!



11



Judaísmo e Maçonaria Latino-americana

Ir. Paul Rich, 32º
Universidade das Américas
Puebla, México

Extraído com permissão de *The Plumbline*, o boletim trimestral da *Scottish Rite Research Society*, nº2, vol. 4, 2004

Tradução:
J.W. Kreuzer-Bach



12

Uma pesquisa no relacionamento judaico na América Latina há muito se faz necessária porque, entre outras razões, ambos os movimentos estavam presentes nos derradeiros dias do império espanhol e durante o desenvolvimento político subsequente da América Latina.

A Ordem foi intermitentemente reprimida na Espanha até 1868. Mas, por volta de 1896, havia cerca de 360 Lojas e 30.000 Maçons na Espanha.⁽¹⁾

Nos maiores centros metropolitanos do continente latino-americano, para onde migraram judeus alemães, franceses, ingleses e suíços, eles encontraram uma elite que estava mais sintonizada com as emanções culturais da Europa – particularmente da França – do que com as de suas sociedades loca-

is. Ao círculos sociais que eram receptivos à Maçonaria e ao positivismo formavam um ambiente favorável à assimilação daqueles judeus secularizados.⁽²⁾

A Maçonaria certamente contribuiu significativamente para a sustentação da vida judaica na América Latina. *“Esta foi uma manobra maçônica de extraordinária sagacidade, porque isolados os chefes e governadores na América, privados de todo auxílio, tiveram que paulatinamente render-se, tornando efetiva o processo de independência.”*⁽³⁾

Os judeus estiveram envolvidos com a Maçonaria desde o seu aparecimento na feição moderna na Inglaterra, no início do século XVIII. Daniel Dalvelle (ou Dalvalle), tido como um mercador judeu de rapé, era Mestre de uma Loja de Londres em 1732. Uma declaração não comprovada foi feita em uma publicação de 1835, *Uma História de Rhode Island*, pelo Rev. Edward Peterson, segundo a qual havia Maçons entre as quinze famílias judias, provenientes da Holanda e chegadas a Newport em 1658.

Nos anos dos 1700, há muito pouca evidência de discriminação con-



tra os judeus tornarem-se membros das assim chamadas *Blue Lodges* (Lojas Azuis) na Europa e na América. Entretanto, "desde o início as Lojas alemãs, especialmente as prussianas, eram relutantes em aceitar a admissão de judeus. Essa atitude ofendeu as Grandes Lojas de outros países, mais liberais em seus procedimentos e mais de acordo com o espírito maçônico, além de levar a discórdia aos Maçons alemães, muitos dos quais se opunham a essa política de intolerância".¹⁴⁾

Realmente, tal discriminação seria incompatível, dadas as inúmeras referências judaicas nos rituais maçônicos. Essas referências levaram a ligar o judaísmo à Maçonaria tão logo a antimaçonaria criou raízes.

O livro *Protocolos dos Sábios de Sião*, por exemplo, apareceu em 1903 no jornal *Znamya*, de São Petersburgo, Rússia. Eram os supostos registros de um encontro fictício em Bassel, na Suíça. Na verdade, os *Protocolos* eram uma fabricação, atribuída à polícia secreta russa, um plágio de uma publicação francesa de 1864, que ficava na época sob o domínio de Napoleão III. Ironicamente, tendo sido utilizados pela Nação do

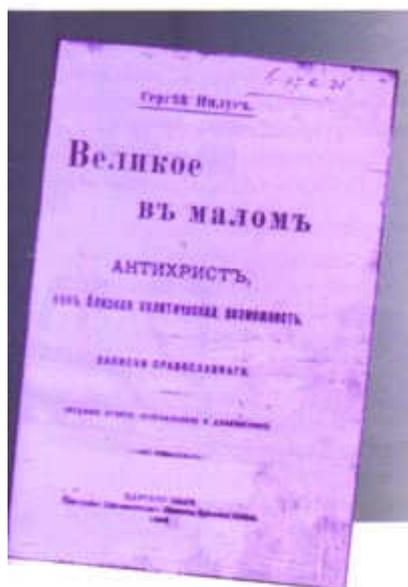
Islam¹⁵⁾ e seu líder, **Louis Farrakhan**, que aparentemente desconhece que seu próprio movimento traça suas origens mais remotas nos anos de 1890 ao *Shrine*, uma ordem maçônica.¹⁶⁾

Símbolos como a estrela de David, o sol, a lua e a ampulheta, que aparecem na decoração dos templos e paramentos maçônicos e são encontrados na arte e na arquitetura judaicas, podem contribuir para essa impressão, mas eles também aparecem em muitos outros lugares, e, conexão com outros movimentos. Os exageros dos historiadores maçônicos mais imaginosos a respeito da nossa origem deram a Moisés e ao rei Salomão o crédito de terem originado a Maçonaria. Esta tem sido denominada a teoria patriarcal da origem maçônica.

Com idêntico desinteresse pela exatidão histórica, outros têm atribuído as origens da Maçonaria à tradição da Cabala judaica. Segundo **Harry Mendoza**, "há uma confluência igualmente poderosa entre a Francomaçonomia e a religião cristã. Ainda que seja verdadeiro que nossos rituais sejam baseados em eventos narrados no Velho Testamento, a razão para isso é que os

compiladores do ritual eram certamente de fé cristã e muito conscientes do aforisma de Santo Agostinho, que disse que 'o Novo Testamento está oculto no Velho e o Velho Testamento está manifestado no Novo'. Os compiladores do ritual maçônico olharam o Velho Testamento com os olhos de um cristão".¹⁷⁾

Algumas vezes, a Maçonaria foi espalhada na América Latina por judeus entusiastas. A renomada estudiosa **Judith Laikin Elkin** oferece um excelente exemplo dessa disseminação da Maçonaria durante os séculos dezoito e dezenove: "Um personagem interessante deste período é **Manuel de Lima y Sola**, nascido em 1818, em Curaçao. Dentro do padrão dos ilhéus solteiros de migrar, de Lima primeiro estabeleceu-se em Caracas, depois em Hamburgo e finalmente em Valparaíso, onde ele e diversos parceiros abriram uma casa de importação. Em Valparaíso, de Lima entrou para uma Loja de Maçons franceses, chamada *Etoile du Pacifique*. Tornando-se consciente da necessidade de uma Loja onde nenhuma barreira de idioma atrapalhasse a admissão de chilenos, ele

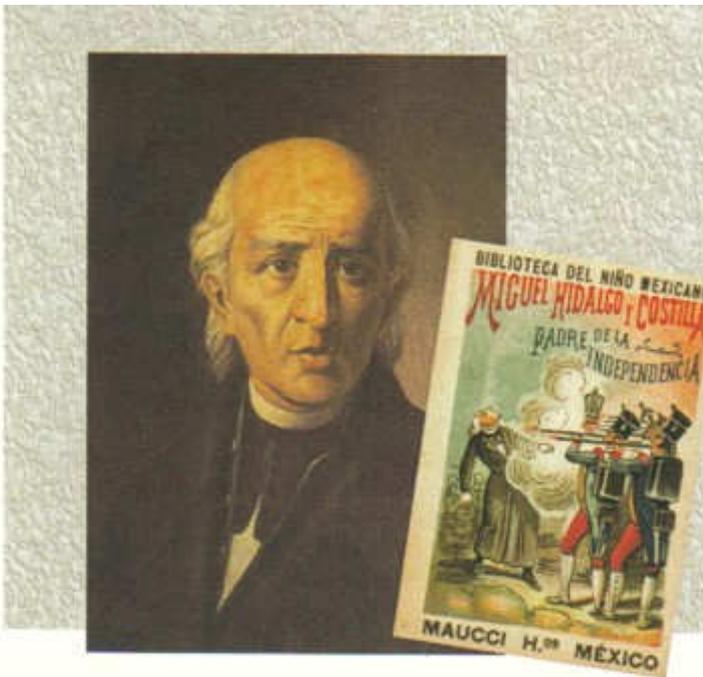


Sergei Alexandrovich Nilus, maldoso escritor religioso, criou uma das mais cruéis farsas de todos os tempos, *Os Protocolos dos Sábios de Sião*. Em 1901 ou 1902, Nilus publicou um livro, *Velikoe v malom i antikhrisť* (O Grande Contido no Pequeno e o Anticristo). O texto dos *Protocolos*, supostos anais do Congresso Sionista de 1897, apareciam como o capítulo 12 da edição desse livro, publicada em 1905, e depois como um livro em separado. O Conselho de Ministros russo descobriu que os *Protocolos* foram uma fabricação feita por elementos da *Okhranka*, a própria polícia secreta do tsar, que operavam na França contra os dissidentes do regime russo lá abrigados ou exilados.

O próprio **Nicolau II**, horrorizado com a fraude, determinou que os *Protocolos* fossem confiscados, "porque uma boa causa não poderia ser defendida por meios sujos".

Ainda assim, a maldade continua se multiplicando em repetidas edições pelo mundo afora, mesmo depois que a fraude foi provada de forma incontestável por **Philip Graves**, um jornalista do *The Times* londrino, em três artigos, em 16, 17 e 18 de agosto de 1921.





Miguel Hidalgo y Costilla, o Padre la Pátria. Embora filho de família próspera, Hidalgo cresceu junto com camponeses e conhecia bem seus sofrimentos. Falando francês, teve contato com o pensamento liberal e humanista. Reitor do Colégio San Nicolas, foi muito estimado por sua mente aberta, e cura em diversos lugares, onde abria escolas de ofícios, como carpintaria e cerâmica. Inconformado com os abusos da metrópole, liderou o movimento de independência do México em 15 de setembro de 1810, com um pronunciamento, El Grito de Dolores. Entre triunfos e derrotas para o exército espanhol, foi finalmente capturado e fuzilado em 1811.

iniciou esforços para fundar a primeira Loja chilena, Unión Fraternal, em 1853.⁽⁸⁾

A Maçonaria exerceu um papel surpreendentemente ativo nas Antilhas Holandesas, considerando a população das ilhas no período; e a história de seu papel na disseminação da Ordem na América do Sul teria particular relevância para a influência judaica nas Lojas, dada a proeminência da comunidade judaica naquelas paragens. *"Como um clima de opinião, um espírito, o Iluminismo não poderia ter sido mantido fora da América hispânica por decreto real, como a coroa teria gostado, ou por barreiras artificiais como a Inquisição e a censura. [...] Os burocratas espanhóis, viajantes estrangeiros, marinheiros dos incontáveis navios que ou paravam por emergência ou trazendo contrabando, membros de expedições científicas estrangeiras com permissão de visitar as colônias, todos eram fontes potenciais de disseminação dos princípios e conhecimentos do Iluminismo."*⁽⁹⁾

Um bom exemplo do modo com que os críticos juntaram o judaísmo e a Maçonaria no mesmo pacote

está no julgamento do grande patriota mexicano, **Padre Hidalgo**, que foi um dos últimos a ser julgado pela Inquisição, denunciado por ser Maçom e por "judaizar". Àquela época, *"o liberalismo e os conceitos democráticos eram considerados como judaísmo porque, acreditava-se, que tais conceitos tiveram suas raízes no judaísmo"*.⁽¹⁰⁾

Talvez, então, uma razão pela qual o judaísmo e a Maçonaria tenham atraído alguns dos mesmos inimigos e sido alvos de hostilidade quase alucinada através dos anos é que têm uma certa relação com o desenvolvimento da democracia. Em 1964 o general argentino **Gilberto Hidalgo Oliva** escreveu que *"o sionismo pôs-se a trabalhar brandindo o martelo duplo da Maçonaria e do comunismo ateu"*. Antes, em 1943, o governo argentino anunciou que nenhuma sociedade beneficente maçônica ou judaica teria sua licença renovada.⁽¹¹⁾ Apontar o judaísmo e a Maçonaria como bodes expiatórios tem ocorrido repetidamente na América Latina, como aconteceu na segunda guerra mundial: *"o antisemitismo tem sido endêmico nas classes mais altas da Argentina. Agora, o medo da eli-*

te quanto ao comunismo, Maçonaria e liberalismo começou a receber apoio externo do fascismo".⁽¹²⁾ E **Perón** no exílio, agitado quanto ao que chamava de conspirações estrangeiras, arengava contra o comunismo, o capitalismo, o judaísmo, a igreja católica e a Maçonaria.⁽¹³⁾

Bem, sendo assim, a apropriação pela Maçonaria de muitos símbolos identificados com o judaísmo não é de todo inapropriada.

Naturalmente, nem todos concordam que a Maçonaria tenha sido uma boa influência na América Latina.⁽¹⁴⁾ Segundo **Thornton**, *"a correlação entre as novas sociedades maçônicas e o novo espírito do nacionalismo é um fator na história moderna européia. Ao tempo em que os introdutores da Maçonaria refor-*

Figuras hoje caricatas, retratadas no fino traço de Benedito Bastos Barreto, o Belmonte (1896-1947), hoje relegadas ao lixo da História, causaram sofrimentos terríveis em seu tempo. Em comum, eram anti-semitas e anti qualquer forma de liberdade, inclusive a Maçonaria.



mada [isto é, pós 1717 - N.T.] estavam delineando a nova sociedade que, em sua imaginação, tomariam o lugar da ordem social baseada no cristianismo revelado, os estadistas católicos estavam desuniver-salizando o catolicismo em seus países para adaptá-lo à estrutura do estado nacional. Inevitavelmente, a esses estadistas abominava reconhecer a universalidade da jurisdição espiritual do papado, que eles consideravam como um desrespeito à soberania nacional".⁽¹⁵⁾

Seu papel no Brasil tem sido particularmente controverso: "No Brasil, o positivismo parecia oferecer um dos melhores meios de colocar um freio nas duas forças que poderiam suceder em arrastar o país aos extremos - a igreja e os Maçons. Luís Pereira Barreto (1840-1923), um dos mais destacados entre aqueles que abraçaram o positivismo no Brasil, criticava a primeira por ser um poder que veio a representar aquilo que Comte estigmatizava como o estado teológico; ao mesmo tempo, ele criticava os liberais e os Maçons, a quem considerava como representantes de forças meta-

físicas que deveriam desaparecer de modo a abrir caminho para o estado positivo".⁽¹⁶⁾

Mas há evidências de que a Maçonaria latino-americana contribuiu para o entendimento entre cristãos e judeus. Para **Medin**, "o judaísmo latino-americano tinha divisões internas que necessitavam apaziguamento para o qual as Lojas podem ter contribuído".⁽¹⁷⁾ A Professora **Elkin** menciona como judeus sefardim, imigrando de Curaçao para Santo Domingo e Chile, utilizaram-se da Maçonaria para integrar-se na sociedade. Embora qualquer sugestão de que houvesse uma associação formal entre o judaísmo e a Maçonaria na América Latina deva ser desconsiderada e, com ela, a sugestão de cooperação política, o apoio de ambos os movimentos à liberdade de expressão é, indubitavelmente, uma das razões pelas quais têm tantos membros em comum. Ambos têm tido que lutar pelo direito de associação em uma cultura sem sempre simpática às minorias. ■

Notas

- (1) **Charles William Heckerthorn**, *The Secret Societies of All Ages and Countries*, vol II, University Books, 1996, 96.
- (2) **Judith Laikin Elkin**, *Jews of Latin American Republics*, The University of North Carolina Press, 1980, 51.
- (3) **Patricio José Maguire**, *La Masonería y la Emancipación del Río de la Plata*, Buenos Aires, 1969, 8-10, ctd. **Alfonso Fernández**, *La Francmasonería en la Independencia de Hispanoamérica*, Ediciones América Uma, 1988.
- (4) **Albert G. Mackey**, *Encyclopedia of Freemasonry and its Kindred Sciences*, McLure Publishing, 1917, 431-432.
- (5) *Nation of Islami* (Nação do Islam) é um controverso movimento fundamentalista muçulmano, criado nos Estados Unidos no início dos anos 30 por W. Fard Muhammad. Louis Farrakhan é seu líder atual.
- (6) **Joseph A. Walkes Jr.**, *History of the Shrine: A Pillar of Black Society*, AEAONMS (PHA), 1993, 1-15.
- (7) **Harry Mendoza**, in **R. L. Schwartz**, *A Viewpoint of the Mysteries of the Kabbalah and Freemasonry*, *Ars Quatuor Coronatorum*, Vol. 102, 1989, e **Rudolf Wittkower**, *Allegory and the Migration of Symbols*, Thames and Hudson, 1877, 173-187.
- (8) **Elkin**, 37.
- (9) **Jay Kinsbruner**, *The Spanish-American Independence Movement*, Dryden Press, 1873, 21.
- (10) **Seymour B. Liebman**, *The Jews in New Spain*, University of Miami Press, 1970, 296.
- (11) **Robert Weisbrot**, *The Jews of Argentina, from the Inquisition to Perón*, Jewish Publication Society of America, 1979, 220.
- (12) **Elkin**, 83.
- (13) **Robert Weisbrot**, 257, 269.
- (14) Para uma discussão mais geral sobre antimaçonaria, ver **E.W. Seal-Coon**, *Modern Anti-Masonry at Home and Abroad*, in *Ars Quatuor Coronatorum*, Vol. 102, 1989.
- (15) **Mary Crescentia Thornton**, *The Church and Freemasonry in Brasil 1872-1875: a Study in Regalism*, The Catholic University of America Press, 1949, 9.
- (16) **Leopold Zea**, *The Struggle for Intellectual Emancipation*, in **Sheldon B. Liss e Peggy K. Liss**, *Man, State and Society in Latin American History*, Praeger Publishers, 1972, 275.
- (17) **Tzvi Medin**, *The Last Battles of Old-World Ideologies in the Race for Identity and Communal Power: Communists vs. Bundists vs. Zionists in México 1938-1951*, *Estudios Interdisciplinários de América Latina y El Caribe*, Vol. 5, nº 2, 1994, 59-84.



O Pensamento Vivo de Albert Pike

Moral and Dogma



Príncipe do Tabernáculo Grau 24 (3ª parte)

Tradução livre de J.W. Kreuzer Bach

(continuação)

Os horrores materiais do Tártaro, alegórico para os iniciados, eram reais para a massa de profanos. Mesmo em tempos mais recentes, muitos iniciados interpretaram corretamente as alegorias: a prisão de três muros que a alma condenada encontrava em primeiro lugar, em torno da qual corriam as ondas ardentes e rolavam as rochas incandescentes do Flegeton, o rio de fogo^[26]; o grande portão com colunas de adamantano^[27]; Tisífone, sua carcereira^[28], com

suas vestes manchadas de sangue; o chicote dilacerando os corpos dos desafortunados, suas lamúrias misturadas ao som do arrasto de suas correntes; as Fúrias, açoitando os culpados com suas serpentes; o abismo profundo, onde a Hidra uiva com suas cem cabeças famintas; [...]

Tudo isso visava impressionar as pessoas, com toda a veemência possível, quais seriam as terríveis conseqüências do pecado e do vício, incitando-as a percorrer o caminho da honestidade e da virtude. [...]

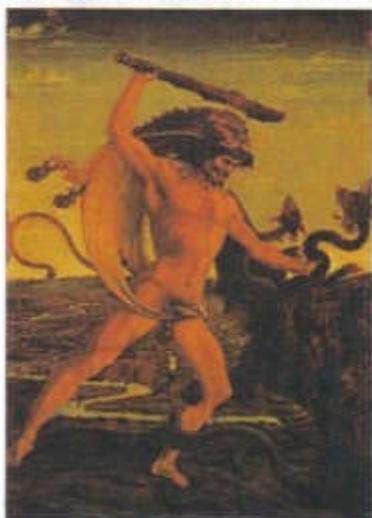
Assim ganhava consciência a doutrina de que a dor, a adversidade e o remorso são as conseqüências inevitáveis que resultam do vício e do pecado, do mesmo jeito que o efeito resulta da causa. A cada pecado e a cada ato vicioso a alma perde terreno em sua caminhada para a perfeição. E esse terreno perdido nunca será de todo recu-

Hércules e a Hidra, quadro de Antonio Pollaiuolo (1432-98), pintor italiano da Renascença

perado – por toda a eternidade, cada ato vil permanecerá na consciência.

Na doutrina ensinada nos *Mistérios*, vemos que embora pequenas ofensas possam ser expiadas por penitência, arrependimento, por atos de beneficência e orações, pecados mortais estavam além das possibilidades destes meios. Elêusis cerrou seus portões contra Nero. Os sacerdotes pagãos disseram a Constantino que, entre todos os seus métodos de expiação, nenhum era tão poderoso o suficiente para lavar sua alma das manchas escuras deixadas pelo assassinato de sua esposa e pelos seus muitos crimes e perjúrios.

Sendo o objetivo das antigas iniciações o melhoramento da humanidade e o aperfeiçoamento da parte intelectual do homem, a natureza da alma humana, sua origem, seu destino, suas relações com o corpo e com a natureza universal, tudo formava parte da ciência mística. Porque, acreditava-se, a iniciação deveria aperfeiçoá-lo e impedir que a parte divina em seu interior, sobrecarregada de matéria tosca e imperfeita, fosse arrastada à escuridão, impedindo-o assim de retornar à Divindade. A alma não era meramente uma concepção abstrata, mas uma realidade que continha a vida e o pensamento. Era material. Não matéria bruta,



16

inerte, inativa e sem vida, forma ou movimento. Era tida por ativa e racional. Seu habitat natural era nas regiões mais elevadas do Universo, de onde descia para iluminar, dar forma e movimento, animar e sustentar a vida da matéria grosseira, tendendo a reacender quando e tão logo pudesse livrar-se das conexões com a matéria. Dessa substância, divina, infinitamente delicada e ativa, essencialmente luminosa, as almas dos homens eram formadas, e por ela, unicamente por ela, unificando e organizando seus organismos, os homens viviam.

Esta era a doutrina de **Pitágoras**, que aprendeu quando recebeu os *Mistérios* egípcios. E foi a doutrina de tantos quanto, por meio do cerimonial da iniciação, tencionavam purificar a alma. **Virgílio** faz com que o espírito de **Anquises** ensine a **Enéas**. E todas as expiações e purificações usadas nos *Mistérios* não eram senão analogias daqueles pelos quais a alma deveria purgar-se das manchas dos vícios, libertando-se da sua prisão terrena para poder voltar livre à fonte de onde partira.

Daí a doutrina da transmigração das almas, que **Pitágoras** ensinava como uma alegoria e que era a doutrina de todos aqueles que, depois dele, a receberam literalmente. **Platão**, como ele, buscou suas doutrinas do Oriente e dos *Mistérios* e tomou a si a tarefa de traduzir a linguagem dos símbolos lá usados para a da Filosofia. E também provar, por argumentação e dedução filosófica, que aquilo era sentido conscientemente era ensinado nos *Mistérios* através de símbolos como um fato indiscutível: a imortalidade da alma. **Cícero** fez o mesmo e seguiu os *Mistérios* ao ensinar que os deuses não eram mais do que mortais cujas virtudes e ser-

Enéias, Anquises e Ascânio,
obra de Gianlorenzo Bernini
(1598-1689), escultor
italiano

viços prestados fizeram por merecer aquela excelsa distinção.

Ensinava-se nos *Mistérios*, por meio de alegorias cujo significado não era dado a conhecer senão a uns poucos escolhidos, que a alma dos maus passavam aos corpos daqueles animais cuja natureza mais tivesse afinidade com os seus vícios. Era também ensinado que a alma poderia evitar tais transmigrações, frequentemente sucessivas e numerosas, pela prática da virtude, o que a libertaria desse círculo de sucessivas gerações a restituíriam à sua fonte. Daí por nada mais ardentemente rezavam os Iniciados, diz **Proclus**, do que merecer esta graça que, livrando-os do império do mal, iria restituir-lhes suas vidas verdadeiras e conduzi-los ao local de descanso final. A esta doutrina, provavelmente, se refeririam as figuras de animais e monstros que eram exibidos aos Iniciados antes que se lhes permitisse ver a luz sagrada por que ansiavam.

Platão diz que as almas não alcançarão o fim de suas angústias antes que as revoluções do mundo as tenham restituído à condição primeira e purificado-as das manchas que contraíram do contágio do fogo, da terra e do ar. E afirma que não podem entrar no Paraíso até que se tenham distinguido pela prática da virtude em algum desses três corpos. Os maniqueístas consideravam cinco, **Píndaro** quatro, do mesmo modo que **Platão** e os judeus.

Diz ainda **Cícero** que as antigas pitonisas e os intérpretes dos deuses, em suas cerimônias religiosas e iniciações, ensinavam que nós expiamos aqui em baixo os



crimes perpetrados em uma vida anterior. É para isso que nascemos. [...] A alma passa por diversos estágios e as dores e amarguras desta vida são uma expiação de pecados anteriores. Essa doutrina de transmigração de almas, informa-nos **Porfírio**, foi obtidas dos persas e dos magos.^[29] [...] **Heródoto** encontrou-a entre os egípcios, que consideravam um período de três mil anos para o ciclo de migrações a partir de um corpo humano para animais, peixes, pássaros até chegar a outro corpo humano. Para **Empédocles**, as almas passavam até por plantas, sendo o louro a mais nobre delas, assim como o leão o era entre os animais. [...] Os curdos, os chineses e os cabalistas, todos aceitavam as mesmas doutrinas, como também os gnósticos. Até os discípulos de **Cristo** indagavam se o homem que nasce cego não teria sido punido por algum





pecado cometido antes do nascimento. [...]

A relação da alma humana com o restante da natureza era o principal objeto da ciência dos *Mistérios*. Lá, o homem era colocado face a face com a natureza. O mundo e o envelope esférico que o envolve eram representados por um ovo místico, ao lado do deus-sol cujos *Mistérios* eram celebrados. O famoso *ovo órfico*^[30] era consagrado a **Baco** em seus *Mistérios*. Segundo **Plutarco**, era uma imagem do universo, que engendra tudo e contém tudo em seu seio. [...]

Este símbolo foi tomado emprestado dos egípcios, que consagravam o ovo a **Osíris**, germe da Luz, ele mesmo nascido dele. [...] **Orfeu**, autor dos *Mistérios* gregos, que ele trouxe do Egito para a Grécia, consagrava este símbolo e ensinava que a matéria, não criada e informe, existia pela eternidade afora, desorganizada como caos. Continha em si os princípios de todas as existências, mas confusos e misturados: luz com trevas, seco com úmido, calor com frio. Dela, depois de muitas eras, tomando a forma de um

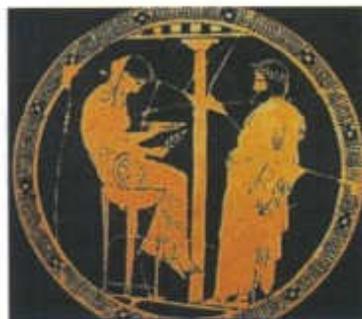
imenso ovo, apareceu a mais pura das matérias, ou primeira substância. E o resíduo foi dividido nos quatro elementos, dos quais emergiram os céus, a terra e todas as coisas. [...]

Nos *Mistérios* também era ensinada uma divisão da causa universal em duas, uma ativa e outra passiva, das quais **Osíris**, o céu, e **Ísis**, a terra, eram os símbolos. [...] Estas duas divindades, os princípios ativo e passivo do universo, eram geralmente representados pelas partes geradoras do homem e da mulher, sem que, nas idades remotas, houvesse qualquer idéia de indecência. Eram emblemas de geração e como tal apareciam nos *Mistérios*. [...]

Há uma outra divisão da natureza, que em todas as épocas impressionou os homens e que não foi esquecida nos *Mistérios*: a divisão entre Luz e Trevas, entre dia e noite, Bem e Mal, que se misturam e se confrontam e se perseguem por todo o universo. O grande ovo simbólico lembrava aos iniciados esta grande divisão. [...]

Nos *Mistérios* de **Ísis**, o candidato primeiro passava através do vale escuro da morte, depois em um lugar representando os elementos, onde lutam os dois princípi-

A pitonisa interpreta sinais para antever o futuro nesta cerâmica grega.



os, até que é admitido finalmente a uma região luminosa, onde o sol brilhante afasta as sombras da noite. [...]

Plutarco admite que essa teoria dos dois princípios foi a base de todos os *Mistérios*, inclusive os da Grécia. **Osíris e Tífon, Ormuzd e Ahriman, Baco e os Titãs e Gigantes**, todos representam esses princípios. [...]

A conexão das diferentes iniciações com os equinócios que separam o *Império das Noites* do *Império dos Dias* e fixam o momento em que um destes princípios prevalece sobre o outro, mostram a relação dos *Mistérios* ao embate contínuo entre a luz e as trevas, cada um alternadamente vencedor e vencido. Nas palavras do imperador **Juliano**, "nós celebramos os augustos mistérios de **Ceres e Prosérpina** no equinócio de outono, para conseguir dos deuses que a alma não experimente a ação maligna dos poderes das trevas que irão predominar na Natureza". [...]

Isto nos traz naturalmente à parte trágica dessas cenas religiosas e à história alegórica das aventuras do princípio da Luz, ora vencedor, ora vencido, em seus combates com as Trevas, em cada período anual. Aqui alcançamos a parte mais misteriosa das antigas iniciações e mais interessante para o Maçom que lamenta a morte de seu Grande Mestre **Khiron**.^[31] Sobre ela, **Heródoto** lança um véu de silêncio e mistério. Falando do templo de **Minerva** [...] ele fala de um túmulo no templo, ao fundo da capela e encostado à parede. "É o túmulo de um homem cujo nome o respeito me obriga a ocultar. Dentro do templo há grandes obeliscos de pedra e um lago circular pavimentado com pedras e circundado por um parapeito. Neste lago, os egípcios celebram, durante a noite, o que





Ilustração baseada na gravura de um livro de 1774, *Analysis of Ancient Mythology*, de J. Bryant: segundo os Mistérios Órficos, o criador dos mundos nasceu do ovo preteado do cosmos. A serpente nele enrolada representa o Tempo, o limite do mundo criado.

chamam de Mistérios, nos quais são representados os sofrimentos do deus **Osíris**."

Esta passagem nos relembra o túmulo de **Khír-On**, sua morte e seu levantamento da sepultura, simbólica da restauração da vida e também do Mar de Bronze do Templo de Jerusalém. [...]

Sabemos que os egípcios adoravam o Sol com o nome de **Osíris**. As desventuras e a morte trágica desse deus era uma alegoria relativa ao sol. **Tífon**, como **Ahriman**, representava as trevas. Os sofrimentos e morte de **Osíris** nos *Mistérios da Noite* eram a imagem mística dos fenômenos da Natureza e do conflito dos dois grandes princípios que dividem o império da Natureza e mais influenciaram nossas almas. O Sol não nasce, morre ou ressuscita. O recitar desses eventos não são mais do que uma alegoria que encobre uma verdade maior. [...]

O próprio universo serviu de modelo ao homem para o primeiro templo erigido à divindade. A arrumação do Templo de Salomão, os ornamentos que eram sua principal decoração e as vestes do sumo sacerdote, tudo, segundo de-

clararam **Clemente de Alexandria**, **Josephus** e **Philo**, faziam referência à ordem no mundo. **Clemente** nos informa que o Templo continha muitos emblemas das estações, o Sol, a Lua, os planetas, as constelações Ursa Maior e Menor, o Zodíaco, os Elementos e outras partes do mundo.

Josephus, na sua descrição das vestes do sumo sacerdote, protestava contra a acusação de impiedade lançada contra os hebreus por outras nações porque eles tratavam com desprezo as divindades pagãs. Ele declarava que eram falsas porque, na construção do Templo, nas vestes dos Sacerdotes e nos vasos sagrados, todo o mundo estava representado de alguma forma. Das três



partes em que o Templo estava dividido, diz ele, duas representam o Mar e a Terra, abertas a todos os homens; e a terceira, os Céus, o lugar em que Deus habita, está reservado só para Ele. Os doze Pães Ázimos significam os doze meses do ano. O Candelabro representava os doze signos através dos quais os Sete Planetas seguiam seu curso, cada luz representando um desses planetas. Os véus de quatro cores representavam os quatro elementos; a túnica do Sumo Sacerdote, a terra; o Jacinto, quase azul, os Céus; o *ephod*, de quatro cores, a Natureza como um todo; o ouro, a Luz; o peitoral, no meio, esta terra [que está] no centro do mundo⁽³²⁾; as duas Sardônicas⁽³³⁾, usadas como broches, o Sol e a Lua; e as doze pedras preciosas, arrumadas em carreiras de três, como as Estações, os doze meses e os doze signos do zodíaco. Mesmo os pães estavam arranjados em duas filas de seis, exatamente como os signos zodiacais acima e abaixo do Equador. **Clemente**, o ilustrado bispo de Alexandria, e **Philo** endossam essas explicações.

Hermes chama o Zodíaco de Grande Tenda – o Tabernáculo. No Grau do Real Arco do *Rito Americano*⁽³⁴⁾, o Tabernáculo tem quatro véus de diferentes cores e a cada um pertence uma bandeira. As cores dos véus são Branco, Azul, Carmim e Púrpura e as bandeiras trazem as imagens do Touro, do Leão, do Homem e da Águia, as Constelações que, 2.500 anos antes de nossa era, marcavam os pontos Equinociais e Solsticiais e às quais pertencem

O Candelabro representava os doze signos através dos quais os Sete Planetas seguiam seu curso, cada luz representando um desses planetas.



19



quatro estrelas, Aldebaran, Regulus, Fomalhaut e Antares. Em cada um desses véus há três palavras; e a cada divisão do Zodíaco, pertencendo a cada uma dessas Estrelas, há três Signos. Os quatro signos, Touro, Leão, Escorpião e Aquário são chamados de signos fixos e são, apropriadamente, designados aos quatro véus.

Também os Querubins, de acordo com Clemente e Philo, representavam os dois hemisférios; suas asas, o rápido curso do firmamento e do tempo em que orbita no Zodíaco. "Porque os Céus voam", diz Philo, falando das asas dos Querubins. Estes são representações do Leão, do Touro, da Águia e do Homem. Os touros alados de cabeça humana têm sido muito encontrados em Nimrod, adotados como símbolos benfazejos quando o Sol entra em Touro no equinócio da primavera e Leão no solstício de Verão. [...]

Então, diz Clemente, o candelabro com sete braços representa os sete planetas, como os quais estão arranjados os braços para preservar aquela proporção musical e o sistema de harmonia de que o sol é o centro e o fulcro. Philo diz

Como mostram os textos comentados por Pike, a inspiração para a abóbada das Lojas do Rito Escocês é bem mais antiga do que se supõe.

que eles estavam arranjados em três, como os planetas acima e abaixo do sol; no meio dos dois grupos fica o braço do sol, mediador ou moderador da harmonia celeste. Ele é, de fato, o quarto na escala musical, lembram Philo e também Martianus Capella em seu hino ao Sol.

(continua)

Notas

[26] Na mitologia grega, cinco rios separavam os vivos dos mortos: **Flegetonte**, o rio de fogo que ardia mas não se consumia; **Estige**, o do ódio; **Lete**, o do esquecimento; **Aqueronte**, da amargura; e **Cócito**, das lágrimas.

[27] Segundo o **Aurélio**, *adamantano* é "um hidrocarboneto saturado, tricíclico, cuja estrutura molecular lembra a do diamante".

[28] As **Fúrias** (ou **Erínias**, para os gregos) eram três personagens terríveis, a personificação da vingança: **Tisífone** (castigo), **Megeira** (rancor) e **Alecto** (interminável).

[29] Os magos (*magi*, em latim) eram uma tribo da antiga Média que foram absorvidos pelo império persa, tradicionalmente responsáveis pelas práticas religiosas e ritos fúnebres. Deles se originam as palavras mágico e magia. Os magos mais famosos são os três Reis Magos, imortalizados na Bíblia.

[30] Representado quase sempre com uma serpente enrolada à sua volta, o ovo órfico simboliza uma antiga crença de que o mundo nasceu no interior de um ovo prateado.

[31] **Khîr-Om** é como **Albert Pike** grafou o nome do Mestre **Hiram Abif** segundo a transliteração a partir da grafia hebraica original. **Arturo de Hoyos** reeditou, para a *Scottish Rite Research Society*, o *Book of the Words* (Livro das Palavras), de **Albert Pike**, publicado pela primeira vez em 1878, "uma espécie de dicionário etimológico das palavras de língua estrangeira encontradas nos rituais do Rito Escocês". (JWKB)

[32] Recordemos que levou muito tempo antes de que os cartógrafos ocidentais abandonassem o costume medieval de colocar Jerusalém exatamente no centro geográfico de seus mapas.

[33] Segundo o **Aurélio**, uma variedade de calcedônia (sílica), escuro-alaranjada ou vermelho-pardacenta.

[34] O **Real Arco** é um dos Graus do Rito de York. Na época de **Pike**, o Rito de York era também chamado de **Rito Americano**, por força de um vigoroso nacionalismo que também teve influência na Maçonaria, mas só quanto à denominação. Na verdade, o Rito de York nada mais é do que o **Rito Inglês Antigo**, preservado intacto nos Estados Unidos, porque na Inglaterra ele receberia muitas e radicais transformações para adequar-se às imposições políticas. Por estar inalterado, até mereceria o epíteto de "Americano". Nada mais justo. (JWKB)

[35] **Martianus Minneus Felix Capella** viveu no século V depois de Cristo. Sua obra, *Nuptiis Philologiae et Mercurii et de septem Artibus liberalibus libri novem* (Do Casamento de Filologia e Mercúrio e das Sete Artes Liberais em nove livros), é um resumo algo enciclopédico da cultura clássica de seu tempo e foi de muita importância porque estabeleceu as bases do estudo acadêmico até que os textos árabes e os trabalhos de **Aristóteles** chegassem à Europa Ocidental, por volta do século XII.



20



O touro alado, de origem assíria, incorporado pelos persas e que serviu de base para os querubins da Arca da Aliança do Real Arco.

Monges

e Guerreiros

João Guilherme C. Ribeiro, MRA



Ramsay não apresentou em Loja o seu discurso, respeitando a proibição do Cardeal.⁽¹¹⁾ Mas que ele escreveu, não há qualquer dúvida. Depois disso, embora Ramsay tenha silenciado daí por diante, seu Discurso começou a repercutir.

Detalhes galantes e picarescos

Em 1739, há referências ao *Discurso* na *Pennsylvania Gazette*, na América, e no *Gentleman's Maga-*

zine, na Inglaterra. Noticiou este último que "recentemente foi queimado em Roma, em cerimônia solene e por ordem da Inquisição, um opúsculo em francês, escrito pelo Cavaleiro Ramsay [...] intitulado Relation apologique et historique de la Societé des Francs-Maçons (Relação Apológica e Histórica dos Segredos da Franco-Maçonaria), impresso em Dublin por Patrice Odonoko. Isto foi publicado em Paris como resposta a uma inconfidência⁽¹²⁾, lá impressa por ordem do chefe de Polícia... como Prichard havia feito em inglês".⁽¹³⁾

Parece que o incansável Chefe de Polícia Hérault, já que não podia fechar a Franco-Maçonaria, dado ao grande número de pessoas influentes nas Lojas, resolveu ridicularizar a instituição. Para isso, fez publicar, na *Gazette de Hollande*, em janeiro de 1738, uma série de detalhes relativos às cerimônias Maçônicas. Ele causou muita indignação aos Maçons.

Bertin de Rocheret, Maçom francês, escreveu furioso: "Oh, que escândalo! Mui veneráveis Irmãos, que horror, que profanação! Os Irmãos estão sendo vaiados, apupados, parodiados em canções e, estou sabendo, vão levar nossos mistérios ao teatro. [...] Nossa cidade está inundada de cópias dessa relação [a inconfidência que Hérault mandou publicar]. As pessoas dão-se as mãos levando o polegar às juntas dos dedos, e não se saúda senão assim: Bom dia, Monsieur Jackin; às vossas ordens, Monsieur Booz. Uma mulher ainda batizou com estes dois nomes um cão e uma cadeira que nasceram em sua casa"...⁽¹⁴⁾

Como ele obteve o original é uma história picante, bem ao gosto galante da época. Uma famosa atriz, Mademoiselle **Armanda Carton**, para conceder favores amorosos a um Maçom inglês, exigiu saber dos segredos da Ordem. Segundo os *Amusements Littéraires*, como o



No início do século XVIII os alemães descobriram como fabricar porcelana, por séculos um segredo dos chineses. Na mesma época, a Maçonaria despertava o interesse em toda a Europa, daí as famosas estatuetas de Meissen com motivos maçônicos.



inglês "evitou por bastante tempo satisfazer o desejo dela, ela evitou satisfazer o dele"... Mas a carne é fraca. Nesse cabo-de-guerra, Mlle. Carton triunfa e confia sua descoberta ao Chefe Hérault, que a mandou publicar.⁽¹⁵⁾

Há mais um detalhe picaresco. Fruto ou não dos esforços das autoridades para ridicularizar a Franco-Maçonaria, o texto integral do *Discurso* de Ramsay apareceria, pela primeira vez, em uma publicação pornográfica, o *Almanac des Cocus* (Almanaque dos Chifrudos), publicado em Paris, em 1741, com o título de *Discourse prononcé dans le réception des Franc-Maçons par le Monsieur de R., Grand Orateur de l'Ordre*.

Somente em 1765, quando o contexto já era outro, o Discurso seria incluído em uma publicação séria, a *Histoire des Franc-Maçons*, por **De La Tierce**⁽¹⁶⁾. Depois, já consagrado, apareceria em forma de apêndice, nas traduções para o francês e alemão das Constituições de Anderson.

O Cavaleiro Ramsay

Mas quem era esse Ramsay e por que esse Discurso – que nem lido foi – tinha tanta importância?

Andrew Michael Ramsay nasceu em Ayr, Escócia, em 1686, filho de um padeiro calvinista. Entrou aos 14 anos para a Universidade de Edinburgh e foi tutor dos filhos do **Conde de Wemyss**. Em 1706, foi para Flandres, onde serviu no exército britânico. Apresentado a **François de Salignac de la Mothe-Fénelon**, prelado e escritor francês, Ramsay tornou-se seu discípulo e converteu-se ao Catolicismo.

Ramsay mudou-se para Paris. Tornou-se tutor do jovem **Duque de Chateau-Thierry** e amigo de Philippe, Duque de Orléans e Regente de França de 1715 a 1723, anos iniciais do reinado de Luís XV, sucessor do *Rei Sol*. Foi por ele feito Ca-



Louis-Stanislas-Xavier, conde de Provença, como Grand Mestre da Ordem of S. Lázaro e Monte Carmelo, por François Hubert Drouais (1727-1775).

Abaixo, o provável brasão da Ordem reconstituída pelo rei francês no século



valeiro da Ordem de São Lázaro, uma antiga Ordem Militar, constituída na Palestina e quase extinta quando foi revivida por Luís XIV.

Ramsay foi um homem de prestígio. Apesar de ter sido tutor dos Príncipes Stuart no exílio, Charles Edward e Henry, foi-lhe oferecido o posto de tutor do **Duque de Cumberland**, segundo filho de **George II**. "O motivo de Ramsay para declinar do convite, o fato de ser Católico Romano e, por isso, não indicado para um lugar nas relações pes-

soais de um Rei protestante, demonstra seu alto padrão ético."⁽¹⁶⁾

Em 1729, foi eleito *Fellow* da Royal Society.

Neste mesmo ano, foi iniciado na Maçonaria junto a personalidades de destaque. Noticiou o *London Evening Post* que "na Horn Lodge, na Palace Yard, Westminster, [...] acorretam inúmeras pessoas de distinção, quando o Marquês de Beaumont, [...] o Cavaleiro Ramsay e o Dr. Misanbin foram admitidos membros da Ancient Society of Free and Accepted Masons."⁽¹⁷⁾

Em 1730, Ramsay foi o primeiro católico a receber o título de Doutor em Direito Civil, pela Universidade de Oxford. Afastou-se da Ordem, provavelmente, como consequência da Bula In Eminentissimi, do Papa Clemente XII, em 1738, proibindo a Maçonaria aos católicos.

Henry Wilson Coil presta-lhe merecido tributo: "O Chevalier Ramsay era um homem íntegro, de cará-



Brasão da prestigiosa Royal Society, à qual pertenceram grandes cabeças pensantes, entre elas Isaac Newton.



22

ter e boas maneiras, bondoso e tolerante. De outro modo, não teria sido repetidamente empregado nas casas da nobreza para instrução de seus herdeiros. [...] Jamais um ato indigno foi-lhe atribuído."

O Discurso mais Famoso

O Discurso foi preparado para a recepção de Candidatos à Iniciação, o que se torna óbvio na sua introdução. Logo depois, Ramsay começa a tese que o colocaria entre os Franco-Maçons mais famosos e citados de todos os templos, a conexão com os Cruzados. Diz ele, textualmente: "Nossos ancestrais, os Cruzados, vindos de todas as partes da Cristandade na Terra Santa, desejaram assim reunir, em uma única fraternidade os Súditos de todas as Nações. Tal obrigação assumidas por esses homens superiores (18) que, sem espírito grosseiro, sem ceder à vontade natural dominar, imaginaram um organismo cuja única finalidade fosse a reunião das mentes e dos corações, para torná-los melhores e formar, na sucessão dos tempos, uma Nação espiritual [...] Ao tempo das guerras santas na Palestina, muitos Príncipes, Senhores e Cidadãos associaram-se e fizeram votos de restabelecer o Templo dos Cristãos na Terra Santa. [...] Eles instituíram diversos sinais antigos e palavras simbólicas, tiradas da Religião, para se diferenciar dos infiéis e reconhecer-se entre os Sarracenos. Não se comunicava esses sinais e essas palavras senão àqueles que promettessem solenemente, diante do Altar, de jamais os revelar. [...] Depois de algum tempo, nossa ordem uniu-se aos Cavaleiros de São João de Jerusalém; desde então nossas Lojas trazem o nome de Lojas de São João em todos os Países.(19) [...] Esta união foi feita seguindo o exemplo dos Israelitas na edificação do Segundo Templo, que, enquanto manuseavam a trolha e o cimento em uma das mãos, na outra empunhavam a espada e o

escudete. Nossa Ordem, assim sendo, foi fundada na remota antiguidade e renovada na Terra Santa.(20) [...] Os Reis, Príncipes e Senhores, retornando da Palestina a seus países, aí estabeleceram diferentes Lojas. [...] James, Lord Stuart de Escócia, foi Grão-Mestre de uma Loja estabelecida em Kilwinnen (sic), no ano de 1286... [...]

Pouco a pouco, nossas Lojas, nossas festas e nossas solenidades foram negligenciadas na maior parte dos Países onde elas haviam sido estabelecidas. Disto vem o silêncio dos Historiadores de quase todos os Reinos sobre nossa Ordem, excetuados os da Grã-Bretanha. Elas se conservam, entretanto, em todo o seu esplendor entre os escoceses, aos quais nossos Reis têm confiado, durante muitos séculos, a guarda de suas sagradas pessoas."

Controvérsias

O Discurso ganhou conhecimento geral. Essa insinuação de origem nobre, ligada aos Cruzados, com a simpatia pelos Stuarts escoceses, velhos aliados da França, e com os altos ideais da Franco-Maçonomia deve ter feito um caldo saboroso para o paladar romântico dos franceses. Para os idealistas, para os impressionáveis – e para os interesseiros – o fascínio pelo Discurso produziu as mais alucinadas teorias sobre a Ordem e abriu um rico filão de Graus, logo garimpado por aproveitadores espertalhões e abalado por escândalos e falsificações nos meados do século XVII. Todavia, com o advento da escola autêntica, inglesa e da pesquisa séria, no final do século XIX, tudo o que se relacionasse ao Discurso de Ramsay ou a pre-

As ilustrações da espada Templária e a trolha que têm decorado a Astréa já há algum tempo são inspiradas no discurso de Ramsay.

tensas origens Templárias da Franco-Maçonomia passou a ser olhado com muita desconfiança.

Mas não há última palavra em História.

Paul Naudon, notável historiador francês, diz que a referência de Ramsay aos Guardas Escoceses não é gratuita: "Segundo os Annales Maçonniques des Pays Bas, que citam um documento do começo do século XVI, duas lojas escocesas existiam em França em 1535, uma em Paris e outra em Lyon. [...] Em 1685, o Padre Maimbourg, em sua Histoire des Croisades, faz alusão à Franco-Maçonomia e à sua origem do tempo das Cruzadas. Em 1688, se constata a existência de uma Loja no regimento Royal Irlandais (Reais Irlandeses), criado por Charles II, Stuart, e aquartelado em Saint-Germain".(21)

E agora, José?



23



Carlos Magno, o rei dos francos com quem se inicia o sistema devassalagem, em retrato de Albrecht Dürer (1471-1528).

O mito persiste

Se inventada ou verdadeira, essa ligação entre Templários e Franco-Maçonaria perdura de tal forma que nem o mais cáustico ceticismo dos sérios pesquisadores da escola autêntica conseguiu fazer desaparecer. Por quê?

Não é difícil responder.

"Um dos mais populares filmes de todos os tempos, Star Wars, embora ostensivamente uma obra de ficção científica, conta a história de um grupo de heróis guerreiros, conhecidos como os Cavaleiros Jedi. Estes homens lutavam com seus sabres de luz para proteger os fracos contra opressão e seu comportamento, em obediência à disciplina a eles ensinada por mestres, permitiam-lhes realizar feitos sobre-humanos, ajudados por uma Força mística."⁽²⁴⁾

O conceito dos cavaleiros, seus ideais e seu código de honra continuaram vivos, apesar de há muito as armaduras e as lanças estarem relegadas aos museus. É um conceito

atávico, comum a toda espécie humana. Mas vamos a outro *flash-back*.

Finda uma era, começa outra

O Imperador Teodósio I, que governou de 378 a 395 A.D., dividiu o Império decadente entre seus dois filhos. **Honório** recebeu o Ocidente e **Arcádio**, o Oriente.

A metade ocidental sofreu contínuas investidas dos povos bárbaros. Roma foi saqueada pelos visigodos em 410, pelos vândalos em 455 A.D. e, onze anos, depois o chefe germânico Odoacro depunha o último Imperador Ocidental.

A metade oriental, sediada em Bizâncio, prosperou e sobreviveria até a tomada pelos turcos, em 1453. O Cristianismo já passara da clandestinidade ao poder, a Igreja de Roma dominando o Ocidente e a Igreja de Bizâncio, o Oriente.

Todavia, os caminhos que levavam à Roma não mais eram percorridos pelas disciplinadas legiões que tinham mantido a *Pax Romana*. As populações cristãs, agricultores, basicamente, viviam sob ameaças constantes – vikings pelo Norte, muçulmanos pelo Sul e magiares, eslavos e mongóis pelo Leste.

Em 732, **Charles Martel**, à testa do exército franco, derrotou um exército muçulmano em Poitiers, encerrando a expansão árabe que tomara quase toda a Península Ibérica. "**Charles Martel** [...] ganhou tal prestígio e apoio que se tornou um governante respeitado e permanente."⁽²⁵⁾ Ele requisitou terras da Igreja, usando-as para recompensar seus seguidores. Estes, em troca, juraram lutar por ele, quando solicitados, equipados com cavalos, lança, espada e escudo."⁽²⁶⁾

Claro, uma mão lava a outra!

O filho de Charles, **Pepin**, e seu neto, o Imperador **Charlesmagne**

[Carlos Magno], consolidaram as comunidades cristãs e estabeleceram o princípio de autoridade e vassalagem: o senhor protegeria seu povo em troca dos serviços deste. Este foi o modo em que se estruturou o mundo feudal.⁽²⁷⁾

(continua)

Notas

(11) *Masoneria, Iglesia y Ilustración*, José A. Ferrer Benimeli, Fundación Universitaria Española, 1982

(12) Chamam-se inconfidências as publicações não autorizadas que divulgam, verdadeira ou supostamente os segredos Maçônicos. A primeira e mais famosa é *Masonry Dissected* [Maçonaria Dissecada], de Samuel Prichard, publicada em 1730.

(13) *Masonic Encyclopedia*, Henry Wilson Coil, 33º, Macoy Publishing, 1995

(14), (15) *Bibliografía de la Masonería*, José A. Ferrer Benimeli, Fundación Universitaria Española, 1978

(16) Henry Wilson Coil, op. cit.

(17) *A Reference Book for Freemasons*, Frederick Smyth, QC Correspondence Circle, 1998

(18) Por uma questão de justiça, Ramsay que nos desculpe, comparados à culta e sofisticada civilização árabe de então, grosseiros eram os Cruzados, em sua quase totalidade, primários, ignorantes, iletrados, sujeitos, estúpidos, truculentos, supersticiosos e rapaces, não obstante serem corajosos combatentes. Foi justamente o contato com os árabes que iniciou os europeus no caminho de retorno à antiga civilização greco-romana, que os árabes haviam preservado.

(19) Como vemos, Ramsay não menciona a *Ordem dos Templários*, mas sim a *Ordem dos Cavaleiros de São João*, também conhecida como dos *Hospitalários* e, mais tarde, dos *Cavaleiros de Malta*.

(20) *Histoire et Rituels des Hauts Grades Maçonniques*, Paul Naudon, Dervy-Livres, 1972

(21) *Freemasonry, a Celebration of the Craft*, John Hamill e R. A. Gilbert, Heris, 1992

(22) *Mystery set in Stone*, Matthew Scalan, in *Freemasonry Today*, 17, Summer 2001

(23) Paul Naudon, op. cit.

(24) *Knights*, Andrea Hopkins, Collins & Brown, 1990.

(25) Charles Martel, embora apenas morador do palácio, era de fato quem governava os Reinos Merovíngios de Austrásia, Nêustria e Botgonha.

(26), (27) Andrea Hopkins, op. cit.



Supremo Conselho Grau 33º
do Rito Escocês Antigo e Aceito
da Maçonaria para a
República Federativa do Brasil

Administração

Luiz Fernando Rodrigues Torres, 33º
Soberano Grande Comendador

Venâncio Igrejas, 33º
Ex-Soberano Grande Comendador, Membro Efetivo

Geraldo de Souza, 33º
Lugar Tenente Comendador

Jorge Luiz de Andrade Lins, 33º
Grande Ministro de Estado

Adelman de Jesus França Pinheiro, 33º
Grande Secretário do S.:I.:

Francisco Antônio Gonçalves Dias, 33º
Grande Tesoureiro do S.:I.:

Carlos Antonio de Almeida Deveza, 33º
Grande Secretário do Interior do S.:I.:

Joaquim Alves Barbosa, 33º
Grande Chanceler G.: dos Selos

SGCs de Honra

Venâncio Igrejas, 33º

Geraldo de Souza, 33º

Ballo Geay Yacoubá, 33º
Costa do Marfim

Jean Sicinsky, 33º
Polónia

Carlos Reyes Geenzier, 33º
Paraná

Henri L. Baranger, 33º
França

Membros Efetivos

Venâncio Pessoa Igrejas Lopes (12/11/1972)

Geraldo de Souza (12/11/1972)

Luiz Fernando Rodrigues Torres (04/03/1975)

Licínio Leal Barbosa (14/08/1980)

Edno Gomes Dannemann (14/03/1987)

Adelman de Jesus França Pinheiro (12/03/1988)

Joaquim Alves Barbosa (12/03/1988)

Francisco Antônio Gonçalves Dias (12/03/1988)

Francisco Bezerra de Araújo Galvão Neto
(24/09/1991)

Jorge Luiz de Andrade Lins (24/09/1991)

Joaquim Takao Tano (12/03/1993)

José Ebram (12/11/1993)

Atyla Quintães Freitas Lima (22/09/1998)

José Linhares de Vasconcelos Filho (21/09/1999)

Cyrilo Leopoldo Carvalho da Silva Neves
(21/09/2000)

José Alves de Alencar (10/03/2001)

Carlos Roberto Roque (21/06/2001)

Carlos Antonio de Almeida Deveza (12/08/2002)

Francisco "Bonato" Pereira da Silva (24/09/2002)

Rubens Marques dos Santos (15/11/2003)

Wilson Filomeno (11/09/2004)

Nelson Gonçalves Correlo (11/09/2004)

Paulo Fernandes Silveira (11/09/2004)

José Francisco Ribeiro Lopes, 33º (30/9/2006)



Revista Astréia

Órgão Oficial do Supremo Conselho
Grau 33º do Rito Escocês Antigo
e Aceito da Maçonaria para a
República Federativa do Brasil.

Fundada em 1º de janeiro de 1927,
pelo Ir.: **Mario Behring, 33º**

Diretor Presidente

Ir.: **Luiz Fernando Rodrigues
Torres, 33º**, Soberano Grande
Comendador

Redator Chefe

Ir.: **Geraldo de Souza, 33º**, OJB 0065

Diretor e Jornalista Responsável

Ir.: **José Fernando Miranda
Salgado**, OJB 1102 - 99

Redatores Adjuntas

Ir.: **João Alexandre Rangel
de Carvalho, 33º**

Ir.: **Venâncio Igrejas, 33º**

Editor Fotográfico

Ir.: **Antônio Sodré Brandão**

Criação e Produção

Infinity Editorial e Promocional

Rua São Vicente, 127 - Tijuca
20620-140 - Rio de Janeiro - RJ

Tiragem desta Edição: 10.000
exemplares

Correspondência

Revista Astréia

Rua Barão, 1317 - Jacarepaguá
21321-620 - Rio de Janeiro - RJ
Telefone: (21) 3390-3000
Telefax: (21) 3390-8102

Os artigos publicados nesta revista
são de inteira responsabilidade de